

## Guy Debord & Manuel Castells: Tensões e Distensões Conceituais da Sociedade do Espetáculo em Rede<sup>1</sup>

Ricardo Philippi<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo é um esboço das tensões, percepções e inter-relações conceituais entre a Sociedade do Espetáculo – termo criado por Guy Debord em 1967 – e as perspectivas teóricas da Sociedade em Rede, de Manuel Castells. A partir do método dialético, este estudo busca decompor o conceito Sociedade do Espetáculo cunhado na década de 60, a fim de o atualizar numa ressignificação contemporânea, com suas possíveis reinterpretações conceituais, traçando um paralelo com a Sociedade em Rede, na busca de outras ressignificações a esse conceito. Conclui que há duas resoluções à esta dialética: a) em resultado apocalíptico, a da autoalienação do indivíduo e, b) em um resultado integrado, a da autonomia do indivíduo nas sociedades frente ao espetáculo.

**PALAVRA-CHAVE:** sociedade do espetáculo; sociedade em rede; Guy Debord; Manuel Castells.

### INTRODUÇÃO

*“A vida é como uma sala de espetáculos; entra-se, vê-se e sai-se.”*

*Pitágoras*

Se voltarmos o olhar para as campanhas eleitorais, prestarmos atenção ao noticiário de qualquer rede de TV ou nos relacionarmos nas redes sociais com nossos avatares virtuais, encontraremos ecos dos conceitos de espetáculo do pensador francês Guy Debord na sociedade atual em rede. Em seu notório livro “A Sociedade do Espetáculo”, publicado em 1967, ele apresenta 221 teses com críticas extremas à sociedade de abundância de décadas atrás. Seus pensamentos, frutos da corrente estruturalista da comunicação, privilegiam a crítica frente a ordem midiática, sendo um dos principais pensadores do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela UFPR. Bolsista do programa de demanda social da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), e-mail: ricardo\_philippi@hotmail.com.

movimento contestatório de maio de 1968 em Paris. Um dos temas fulcrais do pensamento de Debord é o impacto da presença do espetáculo na vida das pessoas, gerando passividade e aceitação do sistema dominante imposto pelas mídias e pela elite. (MATTELART, 1999, p. 94)

Nesse sentido, o espetáculo submete o indivíduo – espectador – que, como refém do sistema, no caso o sistema capitalista, se desvincula de si mesmo, aliena-se e age como um autômato sob a influência do espetáculo, conforme Debord em sua 30ª tese: “(...) A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta”. (DEBORD, 2012, p. 24). Este homem alienado não tem dúvidas de que a informação que recebe é verdadeira, portanto não a questiona, nem a revida nesta sociedade de massa.

Entretanto, autores atuais, particularmente o espanhol Manuel Castells, trazem estudos sobre as novas mídias no contexto do que chama de *Sociedade em Rede*, que mostram uma realidade que pode ser diferente da preconizada por Debord, se não da espetacularização em si mesma, ao menos na forma relacional das pessoas com os meios de comunicação as novas tecnologias permitem a participação ativa que pode ajudar a construir uma identidade que foge da alienação prevista pelo primeiro autor. Castells conceitua a cultura como processos de comunicação que se baseiam em sinais sem separação entre a realidade e a representação simbólica, aproximando assim as relações

Doravante, a fim de debater as tensões, percepções e inter-relações conceituais entre a *Sociedade do Espectáculo* de Guy Debord e a *Sociedade em Rede* de Manuel Castells, este trabalho irá utilizar do método clássico dialético. Ele se baseará em um diálogo epistemológico entre estes dois autores, procurando delinear as tensões e distensões de seus pensamentos à luz dos estudos mais recentes sobre as relações das pessoas com as mídias interativas.

Neste sentido, para entender resumidamente o aporte metodológico da dialética, é necessária uma revisão de seus principais princípios, cuja primórdio surge através da arte do discurso, em seu próprio dever, interpretando o real em seu complexo de negação/afirmação (ENCICLOPÉDIA EINAULDI, 1988).

Uma das características do método dialético é a contextualização do problema a ser pesquisado, podendo efetivar-se mediante respostas às questões propostas. Além disso, este método requer que haja o procedimento de relacionar o pensamento dos autores estudados e esta relação é aparentemente uma dificuldade para o nosso propósito, visto que eles

pertencem a épocas diferentes, o que poderia, de certa forma, inviabilizar o pretense diálogo. Entretanto, o escrito de Debord aqui analisado já se configura em um clássico, o que o torna atemporal, portanto sujeito a análises sempre possíveis à luz dos paradigmas vigentes na época do estudo. Além disso, a intenção é procurar investigar uma possível transformação na realidade do espetáculo debordiano na atualidade, sob a luz de outro autor também respeitado, Manuel Castells, o que está de acordo com a metodologia proposta, conforme apresentada por Diniz (2008, p. 5) quando se refere à metodologia utilizada por Karl Marx que:

Tornou-se o expoente do método dialético na ciência moderna. O método dialético marxista consiste em analisar o todo feito de pedaços, cuja autonomia e individualidade condicionam uma contradição e um conflito, que, por sua vez, estão na base da dinâmica da vida material e da evolução da ciência e da História. A ciência para Karl Marx não é uma coisa feita, ela tem uma história que se perpetua, mas também é um devir. Nesse caso, para se compreender a ciência necessita-se de buscar o estudo do passado científico como suporte e base do novo, a ser descoberto.

É em busca de pontos de convergência e contradições entre os autores estudados que pretendemos desenvolver neste artigo, objetivando, através das suas visões, mais luz sobre como a questão do espetáculo afeta a sociedade atual.

Por isto, para o debate dialético, utilizamos apenas o primeiro capítulo do livro de Debord “A Separação Consumada”, trecho chave onde ele explana suas ideias iniciais do conceito homônimo ao título do livro. Por parte de Manuel Castells, são utilizadas basicamente duas fontes: o capítulo 5 de seu livro chamado “Sociedade em Rede” (1999) e, a fim de buscar uma discussão mais contemporânea, seu livro “Redes de Indignação e Esperança” (2013).

Na sequência, serão trazidas perguntas a serem respondidas pelos dois autores, tentando expor suas contradições argumentativas e brechas que possam revelar outros litígios que por final tragam novas possibilidades de conceituações. Nas conclusões, este trabalho se utilizará dos conceitos criados por Humberto Eco (1984) entre apocalípticos e integrados<sup>3</sup> para entender possíveis respostas dialéticas aos dois autores objetos desta pesquisa.

---

<sup>3</sup> A dicotomia proposta por Eco (1984, *passim*) entre apocalípticos e integrados são conceitos genéricos inaugurados na década de 70 referentes as discussões da indústria cultural e da cultura da massa. Grosso modo, seria o confronto entre a concepção de autores pessimistas e otimistas. Os apocalípticos convidam o leitor à passividade ao aceitar o consumo acrítico dos produtos da cultura de massa. Os Integrados, por sua vez, apresentam-se como consoladores porque elevam os leitores acima da banalidade média.

## UM EMBATE DE ENTENDIMENTOS

Para iniciarmos este debate, trazemos duas passagens de textos de cada autor, tendo as transformações das relações da representação com o real como pano de fundo da discussão. A primeira é de Guy Debord, no livro “Sociedade do Espetáculo”, que comenta já na sua 1ª tese: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (grifo do autor, 2012, p. 13). A segunda é de Castell em seu livro “Sociedade em Rede”, no capítulo com o título paradoxal “A Cultura da Virtualidade Real”:

O padrão comportamental mundial predominante parece ser que, nas sociedades urbanas, o consumo da mídia é a segunda maior categoria de atividade depois do trabalho e, certamente, a atividade predominante nas casas. Essa observação, no entanto, deve ser avaliada para o verdadeiro entendimento do papel da mídia em nossa cultura: ser espectador/ouvinte da mídia absolutamente não se constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social. É a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas. *Vivemos com a mídia e pela mídia.* (Grifo meu, CASTELLS, 1999, p. 419).

Apesar das duas falas terem como mote contextuais diferentes, ambas trazem um questionamento interessante sobre a interpretação da realidade. Se, em um exercício filosófico, aceitarmos a mídia como o espetáculo propriamente dito proposto por Debord ao parafrasearmos Castells, podemos dizer que na atualidade “a presença do espetáculo é fundo quase constante, como o tecido de nossas vidas. Vivemos com o espetáculo e pelo espetáculo”.

Entretanto, Debord criou esta tese em 1967 e esta frase de Castells foi escrita em 1999, quando a *internet* mostrava seu potencial, mas ainda estava em seus primórdios. Por isto, será que esta discussão ainda tem sentido tantos anos depois, com o surgimento da *cybercultura* e de uma nova configuração global?

Neste sentido, o início da popularização da Internet através do protocolo WWW (*World Wide Web*) baseou-se parcialmente no trabalho de Ted Nelson, o sociólogo estadunidense que em um panfleto de 1974 convocava o povo a usar o poder dos computadores em *benefício próprio*, naquilo que batizou de hipertexto, segundo Castells.

Para este autor, a *web* permitiu mudanças profundas na relação entre os indivíduos e os meios de comunicação, culminando com uma sociedade que se comunica em redes cada

vez mais complexas e acessíveis, permitindo que o cidadão comum seja agente de transformação, conforme afirma:

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de autocomunicação – o uso da Internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança e pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada. (CASTELLS, 2013, pos. 209)<sup>4</sup>

A citação aponta que as mídias não são mais unilaterais com receptores passivos, mas permitem a participação ativa e consciente, interferindo e ressignificando as mensagens. No contraponto da discussão, mas seguindo o mesmo raciocínio, Debord afirma na sua 4ª tese que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (2012, p. 14).

Neste sentido, se agora as pessoas comuns têm voz, podendo produzir, armazenar, recuperar e divulgar informações, como fica a questão da espetacularização da vida? Subjazem as questões postas por Debord? Ele criticou asperamente a espetacularização da sociedade e a alienação decorrente da passividade diante das realidades criadas pelas mídias. Debord deixa bem claro no final da introdução do seu livro, que ele foi escrito na intenção de se opor à sociedade espetacular e também afirma em sua 8ª tese que:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (2012, p. 15)

Castells, por sua vez, afirma que 2.700 anos após os gregos que criam “o espírito alfabético” ocorre uma nova transformação história na qual o hipertexto e a metalinguagem integram as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana, mudando de forma fundamental o caráter da comunicação. Além disso, como a cultura é mediada e

---

<sup>4</sup> Esta referência foi acessada através de livro eletrônico, ou seja, a partir da interface *Kindle*, que não possui referência direta à página impressa. Ainda não há normas regulatórias da ABNT para este tipo de citação, por isso optamos por colocar a posição (pos.) dada por esta ferramenta de leitura texto para localizar a citação.

determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (CASTELLS, 1999, p. 414)

Seria esta ação transformadora das redes defendida por Castells, forte o bastante para romper com os grilhões alienantes da vida espetacularizada criticada por Debord? Lembramos que nas redes são utilizadas grande parte das mídias atuais e que os participantes também produzem muitas das peças que divulgam. Estas várias mídias suportam todo tipo de conteúdo que atualmente pode ser produzido rapidamente, a partir dos dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets* e outros e com a participação das próprias audiências. Exemplos destes são os *spoilers*, *fan fiction*, *fanzines*, *fansubbing*, além de traduções colaborativas de livros. Esses são trabalhos de resistência (ataques à indústria de entretenimento com seus altos preços) ou então de cooptação (quando são os fãs que trabalham na ampliação das produções das grandes indústrias midiáticas)? (PRIMO, 2010, p. 8).

Em resposta dialética, Castells faz referência à criatividade político-artística presente nos movimentos sociais, em particular na Síria apoiados por *design* gráfico inovador, com a criação de imagens de avatares, minidocumentários, *web-séries* do *youtube*, *vlogs*, montagens fotográficas e coisas semelhantes. (CASTELLS, 2013, pos. 1396). Além disso, cita uma pesquisa que considera das mais completas, em 1999, sobre a demanda de multimídia, realizada por Charles Piller: uma amostra nacional de 600 adultos nos Estados Unidos revelou interesse muito mais profundo pelo uso da multimídia para acesso à informação, questões comunitárias, envolvimento político e educação do que para mais opções de programação televisiva e filmes. Na sua concepção, nos sistemas multimídia as mensagens “não são apenas segmentadas pelos mercados mediante as estratégias do emissor, mas são cada vez mais diversificadas pelos usuários da mídia de acordo com seus interesses [...]”. (CASTELLS, 1999, p. 389).

No contraponto desta questão, Debord afirma na sua 29ª tese que é justamente essa perda de unidade representativa da realidade – que aqui estamos entendendo como o processo de criação de imagens com seus aparatos multimídias – que faz com que surja seu conceito de sociedade do espetáculo, quando o modo de ser da produção e do trabalho faz o indivíduo perder a noção de unidade de mundo, “cujo *modo de ser concreto* é justamente a

abstração”. Além disso: “O espetáculo reúne o separado, mas o reúne *como separado*. ” (Grifo do autor, DEBORD, 2012, 23)

Seria possível, então, que os atores sociais da atualidade, por terem uma participação mais ativa nas mídias, deixem de ser “reféns” do espetáculo? Para Debord, esta questão teria uma resposta negativa, quando afirma na sua 6ª tese que “sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha” (Grifo do autor, 2012, p. 14).

Já para Castells (2013, pos. 251):

[...] a autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade. É por isso que os governos têm medo da internet, e é por isso que as grandes empresas têm com ela uma relação de amor e ódio, e tentam obter lucros com ela, ao mesmo tempo que limitam seu potencial de liberdade”.

Ainda segundo Castells os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato de comunicação. (2013, pos. 200)

Porém Debord afirma que:

O espetáculo não é necessariamente um produto do desenvolvimento técnico do ponto de vista do desenvolvimento natural. A sociedade do espetáculo é, pelo contrário, uma formulação que escolhe o seu próprio conteúdo técnico. O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa” – sua manifestação superficial mais esmagadora – que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total. (2012, p. 21)

Se Debord se referia ao espetáculo imposto e administrado unilateralmente pelo sistema vigente, Castells sinaliza que as modernas técnicas de comunicação podem mudar este paradigma, já que as comunidades criadas a partir delas se autogerenciam e independem dos governos ou corporações:

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida. (2013, pos. 256)

Ainda assim, mesmo que garanta a possibilidade de deliberar e coordenar as próprias ações dentro das redes de comunicação, permanece a questão do espetáculo moderno, pois deliberar e coordenar não significa necessariamente autonomia, visto que estas ações, na visão de Debord, podem estar sendo realizadas sob a influência daquilo que a sociedade “pode fazer, mas nesta expressão o *permitido* opõe-se absolutamente ao *possível*. O espetáculo é a conservação da inconsciência na modificação prática da existência” (Grifo do autor, 2012, p. 23). Neste sentido, esta afirmação do autor francês faz um paralelo direto com o sistema de “feedback entre espelhos deformados” de Castells, quando comenta:

Como representa o tecido simbólico de nossa vida, a mídia tende a afetar o consciente e o comportamento como a experiência real afeta os sonhos, fornecendo a matéria-prima para o funcionamento de nosso cérebro. É como se o mundo dos sonhos visuais [...] devolvesse ao nosso consciente o poder de selecionar, recombinar e interpretar as imagens e os sons gerados mediante nossas práticas coletivas ou preferências individuais. (CASTELLS, 1999, p. 422)

Com relação a isto, o próprio Castells, referindo-se aos movimentos populares mediados pelas redes na *internet* afirma que “ocorre frequentemente que os movimentos se tornem matérias-primas para a experimentação ideológica ou a instrumentação política, ao definir objetivos e representações que pouco têm a ver com sua realidade” (2013, pos. 352).

Se é possível confirmar que as ideologias e grupos políticos se apoderem desses movimentos, será que a visão espetacular migra para os sistemas da *WEB* e os cidadãos continuam impotentes devido à *inconsciência na modificação prática da existência*?

Contrapondo-se à afirmativa anterior, Castells afirma que na sociedade em rede são criados espaços públicos que avançam além das fronteiras permitidas pelas elites e que extrapolam o próprio espaço virtual, invadindo e transformando a realidade social. Além disso, afirma que os movimentos transformadores que ocorrem através desses espaços são feitos por indivíduos que conseguem mobilizar outras pessoas. Referindo-se aos movimentos sociais que se espalharam rapidamente pelas redes e trouxeram importantes mudanças nos governos de alguns países, como o Egito e a Tunísia, ele diz: “Desse modo, a questão-chave para esse entendimento é quando, como e por que uma pessoa ou uma centena de pessoas decidem, individualmente, fazer uma coisa que foram repetidamente aconselhadas a não fazer porque seriam punidas” (2013, pos. 298). Em outro momento ele afirma que estes movimentos “ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não

reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais” (2013, pos. 299).

Estariam estas pessoas ainda sob a influência do espetáculo debordiano? Neste sentido, é realçado o comentário de Debord que a essência do poder é o próprio espetáculo, cuja sua melhor conceituação é encontrada na sua 23ª tese, quando diz:

A mais velha especialização social, a especialização do poder, encontra-se na raiz do espetáculo. Assim o espetáculo é uma atividade especializada que responde por todas as outras. É a representação diplomática da sociedade hierárquica diante dela mesma, na qual toda outra fala é banida. (2012, p. 20)

Sendo assim, quando se nega as lideranças e as organizações formais, utilizando-se as redes sociais para se fazer política, conseqüentemente se está fazendo também espetáculo, esvaziando-se a política de seu conteúdo institucionalizado. Castells deixa claro que nos movimentos sociais expressos nas redes ficam sobretudo evidentes a necessidade e os desejos de seus integrantes:

Há momentos de liberação, em que todos esvaziam sua sacola de frustrações e abrem a caixa de seus sonhos. [...] [No entanto] se os cidadãos não tiverem os meios e formas de se autogovernar, as políticas mais bem planejadas, os programas mais bem-intencionados, as estratégias mais sofisticadas podem ser ineficazes ou corromper-se ao serem implementados. [...] Só uma comunidade política democrática pode assegurar uma economia que funcione como se as pessoas importassem, assim como uma sociedade a serviço dos valores humanos e da busca de felicidade pessoal. (2013, pos. 2900 a 2906)

Quando isto acontece, isto é, quando os atores sociais fazem o que acham que deve ser feito, mesmo correndo riscos, podemos afirmar que elas escapam da “garra” do espetáculo e têm autonomia em suas ações?

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e ao possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (CASTELLS, 2013, pos. 207)

Esse espaço de comunicação autônoma, significa necessariamente que os agentes de comunicação são também autônomos? Castells diz que: embora cada mente humana construa seu próprio significado, interpretando em seus próprios termos as informações comunicadas, esse processamento mental é condicionado pelo ambiente de comunicação.

Sendo assim, embora as redes aparentemente quebrem a hegemonia dos sistemas de comunicação, ainda é possível averiguar indícios das afirmações de Debord nesta nova configuração global, quando comenta em sua 30ª tese:

(...) Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 2012, p. 24)

Neste sentido, podemos retornar à ideia de Castells, quando ele responde a sua própria indagação sobre o que é um sistema de comunicação que, ao contrário da experiência histórica anterior, gera *virtualidade real*.

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. (CASTELLS, 1999, p. 419)

Há na citação acima um forte indicativo de que na visão de Castells permanece a questão do espetáculo sob uma nova roupagem. Então, será que poderíamos tecer um possível acordo entre ela e a visão de Debord conforme citação da sua já mencionada 8ª tese:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (2012, p. 15)

A virtualidade real de Castells captura a realidade, isto é, a virtualidade nasce do real, se apropria dele e o transforma numa composição virtualizada, enquanto para Debord a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é o real. Embora fazendo caminhos inversos estariam ambos os autores afirmando a mesma coisa?

Provavelmente não. A abordagem de Debord é no sentido crítico que permeia todo o seu trabalho. Ou seja, espetáculo que se apodera do real não tem somente o sentido semântico, mas bloqueia a possibilidade de reação, conforme escreve na sua 13ª tese:

O caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre do simples fato dos seus meios serem, ao mesmo tempo, a sua finalidade. É o sol que nunca se põe no império da passividade moderna. Recobre toda a superfície do mundo e banha-se indefinidamente em sua própria glória. (2012, p. 17)

Já Castells lembra que todas as formas de comunicação, conforme ensinado pelos renomados filósofos e sociólogos franceses como Roland Barthes e Jean Baudrillard, em meados do século XX, são baseadas na produção e consumo de sinais e que, portanto, não há separação entre “realidade” e representação simbólica.

Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação, do tipógrafo ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual. (CASTELLS, 1999, p. 459)

Neste trecho especificamente, ele continua explanando que, segundo o dicionário, “virtual é o que existe na prática”, embora não estrita ou nominalmente e “real é o que existe de fato”. Desta forma, no seu entender, a realidade vivida sempre foi virtual porque é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica. E que, não apenas na comunicação de massa, mas em:

Todas as realidades são comunicadas por intermédio de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, todos os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda a realidade é percebida de maneira virtual (CASTELLS, 1999, p. 459).

Além disso, a construção de significado na mente das pessoas é uma fonte de poder decisiva e estável pois é justamente a forma como as pessoas pensam que determina o destino de instituições, normas e valores sobre as quais a sociedade é organizada. (CASTELLS, 2013, pos. 194). Neste sentido, o ator social, ao construir o espetáculo, contribui para a construção da sua própria história, sendo agente ativo de transformações.

Na sociedade em rede defendida por Castells, os cidadãos tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas “com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças” (2013, pos. 251). Foi assim que surgiram os vários movimentos que se espalharam pelo mundo nos últimos anos, inclusive os do Brasil em 2013. Ele observa que, o debate mais aprofundado destes movimentos é obscurecido na mídia e nos círculos acadêmicos, ao negar que as tecnologias de comunicação estejam na raiz desses movimentos sociais e que, apesar disto ser óbvio, já que nem a internet, nem

outra tecnologia pode, por si mesma, ser fonte de causação social, há uma conexão fundamental e mais profunda entre esses movimentos e a internet. Sendo assim, a virtualização do real como entendida por ele, em nada obscurece a percepção da vida vivida, ao contrário do que argumenta Debord.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialeticamente, as respostas dadas por estes dois autores às questões levantadas neste trabalho criam um certo desconforto epistemológico, pois ambos possuem tendência para ver e julgar a sociedade de formas distintas, a partir de referências diferentes. Neste sentido, num primeiro momento não é viável considerar Debord e Castells como autores que possuem correlações teóricas profundas em suas concepções, uma vez que o primeiro vivia em uma sociedade exclusivamente de massa e “refém” do período da Guerra Fria e o segundo vive em uma sociedade conectada e de liberdade de expressão. A análise dos dois se dá a partir de um mesmo objeto, ou seja, a sociedade, mas com observações a realidades distintas em termos de mediações. Desta forma é possível concluir e classificar os dois livros apresentados em correntes distintas de pensamento, enquadrando-os na dicotomia criada por Umberto Eco (apocalíptico em Debord e integrado em Castells), mas com conceitos correlacionados e que dialogam entre si.

Isto porque é possível identificar na visão de Debord uma reação apocalíptica aos meios de comunicação de massa, quando a alienação se torna o “carro-chefe” das ações produtivas em qualquer âmbito, incluso nas fibras ópticas da sociedade em rede. Esta alienação está presente nas relações dos indivíduos com a sua própria realidade, perdendo o contato das origens das coisas e das relações humanas. “O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa. (...) O espetáculo é a realização técnica do exílio, para o além, das potencialidades do homem; a cisão consumada no interior do homem” (2012, p. 19), comenta ele na sua 20ª tese. Esta visão fatalista pode ser interpretada como ecos da visão comunista de Marx, em que a consciência do indivíduo moderno não espelha “mais nada que determinada relação social entre os próprios homens, que para ele assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1985, *apud* AQUINO, 2007, p. 171).

Já Castells pode ser interpretado como um autor integrado, que absorve os benefícios da sociedade em rede, acreditando na autonomia que esta dá aos indivíduos, e

consequentemente, sua liberdade, desviando-se assim do espetáculo fatalista debordiano. Reforçando esta constatação, ele comenta:

O conceito de autonomia (...) pode se referir a atores individuais ou coletivos. Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individuação para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua autonomia com pessoas de posição semelhantes nas redes de sua escolha. *Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia.* (...) (Grifo meu, 2013, pos. 2.780)

Ainda nesta citação, Castells (2013, pos. 2.790) comenta que a mais profunda transformação promovida pela internet é a passagem da interação individual e empresarial para uma construção autônoma de redes sociais controladas, como também, guiadas pelos seus usuários. Mutações esta ocorrida na primeira década do século XXI. Desta forma a atividade de destaque da internet são as redes sociais, sendo plataforma de diversos tipos de atividades, tais como educação, cultura, entretenimento, bate-papo, entre outras, mas o mais importante é sem dúvida, segundo Castells, a atividade sociopolítica.

Mesmo evidenciando estas autorais divergências, este trabalho buscou em um exercício filosófico retirar muitas vezes o “peso” ideológico nas visões de Debord, a fim de encontrar pontos de convergência entre os dois autores, vigentes na sociedade atual. Esta sociedade encontra na liberdade das redes a sua força motriz: ora fazendo com que as expressões e desejos dos indivíduos esvaziem “suas sacolas de frustrações e abram a caixa de sonhos de soluções mágicas” ou comprimam os indivíduos num sistema econômico impiedoso, cujo resultado é sentido pelos mercados financeiros especulativos; ora trazendo mais possibilidades de criação individual a um espetáculo moderno, onde qualquer um é capaz (ao menos em potência) de influenciar toda a estrutura social.

Afinal, se aceitarmos que o espetáculo está imerso no emaranhado das conexões virtuais, a partir da visão fatalista de Debord, também aceitamos uma autoalienação total dos indivíduos que utilizam as redes sociais, da sociedade contemporânea, da globalização e, consequentemente, esta seria uma conclusão extremamente pessimista deste trabalho. Entretanto, a partir da própria metodologia utilizada, é evidente que este é um assunto em aberto e em construção, contrapondo o conceito de espetáculo de Debord como única visão possível na construção social feita pelas inúmeras mídias e suas redes de conexões.

Tanto o espetáculo em si, como as redes que estão se transformando no principal meio de comunicação, estão em devir. Podemos completar que Debord, mesmo que na negação de suas teses, é sempre uma referência para reflexão e ponto de partida da relação do homem com o espetáculo e que, apesar de haver um claro antagonismo entre as suas teses e o pensamento de Castells, ambos autores têm contribuições importantes para estudo e entendimento da nossa sociedade espetacularizada e em rede.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, João Emiliano F. **Espetáculo, Comunicação e Comunismo em Guy Debord**. In: Kriterion: **Revista de Filosofia**, vol.48, n°.115, p. 167 -182, Belo Horizonte, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na Era da Internet**. São Paulo: Zahar, 2013.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa da. **Metodologia e suas possibilidades Reflexivas**. In: Metodologia Científica. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Valentino Bompiani, Espanha: Casa, 1984.

**Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1988. Vol. 10.

PRADO Jr., Caio. **Dialética do Conhecimento: História da Dialética, lógica dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

PRIMO, Alex. **Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação?** In: Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lilia Dias de Castro. (Org.) **Convergências Midiáticas: produção ficcional – RBS TV**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 21-32.

SIMÓN, R. Fabián. **Clarín y la ley de médios**. Buenos Aires: Planeta, 2013.